Edição No. 1164 | 9 de Abril de 2026

A maioria dos Guineenses já pensou em sair do país em busca de melhores oportunidades económicas

Afrobarometer Edição 1164 | Sueli Lopes Santy e Maame Akua Amoah Twum

Sumário

A migração constitui um fenómeno estrutural e persistente na Guiné-Bissau, estreitamente ligado à instabilidade política, à fragilidade económica e à escassez de oportunidades. Nos últimos anos, fatores como o desemprego, a informalidade económica e a limitada provisão de serviços básicos têm reforçado a mobilidade como estratégia de sobrevivência e melhoria das condições de vida (Banco Mundial, 2025; Migrants & Refugees Section, 2022).

Neste contexto, a migração na Guiné-Bissau deve ser compreendida não apenas como um processo de emigração, mas também no quadro mais amplo das dinâmicas de mobilidade regional e das relações internacionais. O país insere-se em espaços de integração como a África Ocidental, onde a livre circulação de pessoas é promovida, ainda que com desafios na sua implementação prática (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental, 2025; Organização Internacional para as Migrações, 2022). Ao mesmo tempo, a Guiné-Bissau é também um país de acolhimento, recebendo migrantes provenientes de países vizinhos, o que contribui para a diversidade social e económica, mas também coloca desafios em termos de integração e acesso a serviços (Banco Mundial, 2023).

Estudos recentes indicam que os fatores económicos, como o desemprego e a perceção negativa da situação económica, estão associados a uma maior probabilidade de intenções de migrar em países africanos, com variações segundo o contexto urbano e o nível de escolaridade (Hoffmann & Zens, 2024). Embora as remessas constituam uma importante fonte de rendimento para muitas famílias, a saída de jovens relativamente qualificados representa uma perda significativa de capital humano, com implicações negativas para o desenvolvimento do país (Banco Mundial, 2023).

Os principais destinos da emigração guineense incluem países da África Ocidental e da Europa, com destaque para Portugal, beneficiando de laços históricos, linguísticos e de redes migratórias já consolidadas que reduzem os custos e riscos associados à migração (Organização Internacional para as Migrações, 2022).

O inquérito da Ronda 10 do Afrobarometer procurou conhecer as perspetivas dos Guineenses sobre a migração. Uma ligeira maioria apoia a livre circulação na África Ocidental para fins de trabalho, mas a maioria afirma que, na prática, atravessar fronteiras é difícil. A maioria vê o impacto económico dos imigrantes como positivo, e as atitudes em relação a migrantes e refugiados sejam, de um modo geral, tolerantes.

Ao mesmo tempo, muitos Guineenses já ponderaram deixar o país, especialmente os residentes em áreas urbanas, os jovens e os mais escolarizados. Para aqueles que consideram emigrar, predominam razões de natureza económica, sendo a Europa o destino preferencial.

Copyright ©Afrobarometer 2026

Pesquisas do Afrobarometer

O Afrobarometer é uma rede pan-africana e apartidária de pesquisa por inquérito que fornece dados fiáveis sobre as experiências e avaliações dos africanos em relação à democracia, à governação e à qualidade de vida. Desde 1999, foram concluídas dez rondas de inquérito em até 45 países. Os inquéritos da Ronda 10 (2024/2025) abrangem 38 países.

A equipa do Afrobarometer na Guiné-Bissau, liderada pelo Instituto Guineense de Pesquisa Aplicada para o Desenvolvimento (IGPAD), entrevistou uma amostra nacionalmente representativa de 1.200 adultos guineenses em Julho a Setembro de 2025. Uma amostra desse tamanho produz resultados em nível de país com uma margem de erro de +/-3pontos percentuais a um nível de confiança de 95%.

Principais resultados

- Os Guineenses estão divididos quanto à questão da livre circulação de pessoas e bens na África Ocidental: 56% dizem que os cidadãos da África Ocidental devem ser livres de atravessar as fronteiras para trabalhar e viver, enquanto 42% acreditam que o governo deve restringir a circulação de pessoas e bens.
    - Apenas 27% dos dizem ter ouvido falar da Zona de Comércio Livre Continental Africana (ZCLCA).
    - Sete em cada dez cidadãos (71%) dos inquiridos afirma que, na prática, atravessar as fronteiras internacionais na África Ocidental é "difícil" ou "muito difícil." Apenas 18% pensam que é fácil.
- Os Guineenses avaliam maioritariamente de forma positiva o impacto dos imigrantes na economia, 54% consideram positivo contra 28% negativo, numa proporção de cerca de 2 para 1.
- Oito em cada 10 cidadãos (82%) não manifestam reservas quanto ao facto de viverem ao lado de imigrantes ou trabalhadores estrangeiros.
- Do mesmo modo, 81% manifestam atitudes tolerantes em relação aos refugiados.
- A maioria apoiaria a manutenção ou o aumento dos níveis atuais de imigração, com quase dois terços (65%) favoráveis à entrada de trabalhadores estrangeiros e uma maioria (52%) em relação aos refugiados.
- Uma clara maioria (77%) dos Guineenses já considerou deixar o país em algum momento, incluindo 49% que afirmam ter pensado nisso "muito."
    - Entre os grupos que são particularmente susceptíveis de ter considerado a possibilidade de sair do país estão os residentes urbanos (82%), os mais escolarizados (85%-88%), os jovens (81%) e as pessoas que estão desempregadas (84%) ou têm empregos a tempo parcial (86%).
    - Entre as pessoas que consideraram a possibilidade de sair do país, as razões mais frequentemente citadas são de ordem económica: encontrar oportunidades de trabalho (40%) e fugir as dificuldades económicas (32%).
    - De longe, o destino mais popular entre os potenciais imigrantes é a Europa (75%).

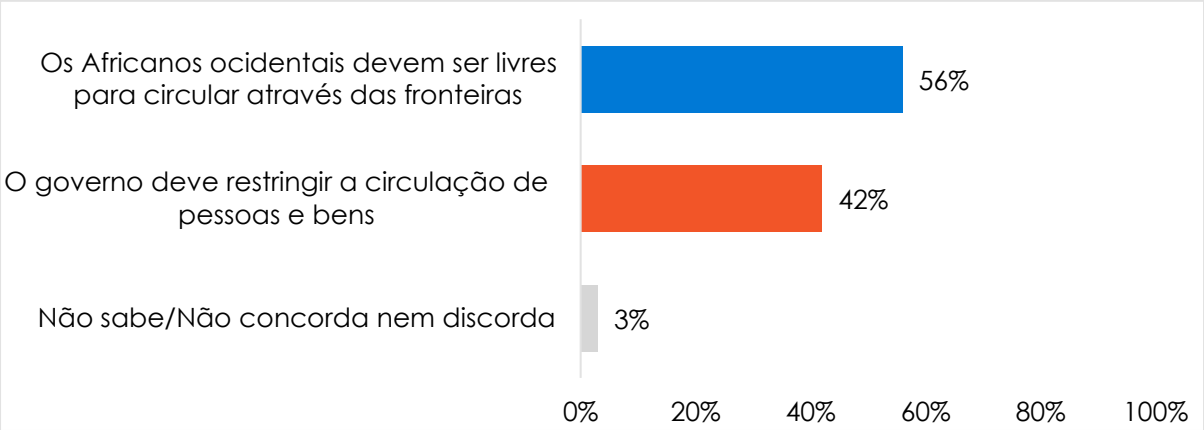
Copyright ©Afrobarometer 2026

Liberdade de movimento e a AfCFTA/ZCLCA

A livre circulação transfronteiriça constitui um elemento central da Zona de Comércio Livre Continental Africana (ZCLCA/AfCFTA), concebida para promover o comércio intra-africano e reforçar a integração económica entre os Estados-membros.

Mas os resultados do inquérito do Afrobarometer mostram que os Guineenses estão divididos quanto à questão da livre circulação de pessoas e bens na África Ocidental. Uma pequena maioria (56%) afirmam que as pessoas na região devem ser livres de atravessar as fronteiras internacionais para fazer comércio ou trabalhar, enquanto 42% pensam que o governo guineense deve limitar a circulação transfronteiriça para proteger os seus cidadãos e interesses económicos (Figura 1).

Figura 1: Livre circulação dos cidadãos da África Ocidental | Guiné-Bissau | 2025



Pergunta aos respondentes: *Qual das seguintes afirmações está próxima da sua opinião?*
Afirmação 1: As pessoas que vivem na região da África Ocidental devem ser livres de viajar para outros países em busca de trabalho ou para realizar trocas comerciais.
Afirmação 2: Para proteger os seus próprios cidadãos, o governo da Guiné-Bissaudeveria limitar a circulação de pessoas e bens nas suas fronteiras.

Na prática, cerca de sete em cada 10 cidadãos (71%) dos Guineenses considera "difícil" ou "muito difícil" atravessar as fronteiras para trabalhar ou fazer comércio, enquanto apenas 18% dizem que é fácil (Figura 2).

Os grupos demográficos com maior probabilidade de dizer que é difícil atravessar as fronteiras incluem os Guineenses com alta pobreza vivida[1] (80%, em comparação com 70%-72% dos inquiridos mais favorecidos). Homens (77%) e residentes rurais (74%) têm mais tendência a considerar a travessia difícil do que mulheres (66%) e residentes urbanos (67%), bem como aqueles fora da força de trabalho (64%, em comparação com 75%-79% entre aqueles que têm emprego ou estão à procura de trabalho).

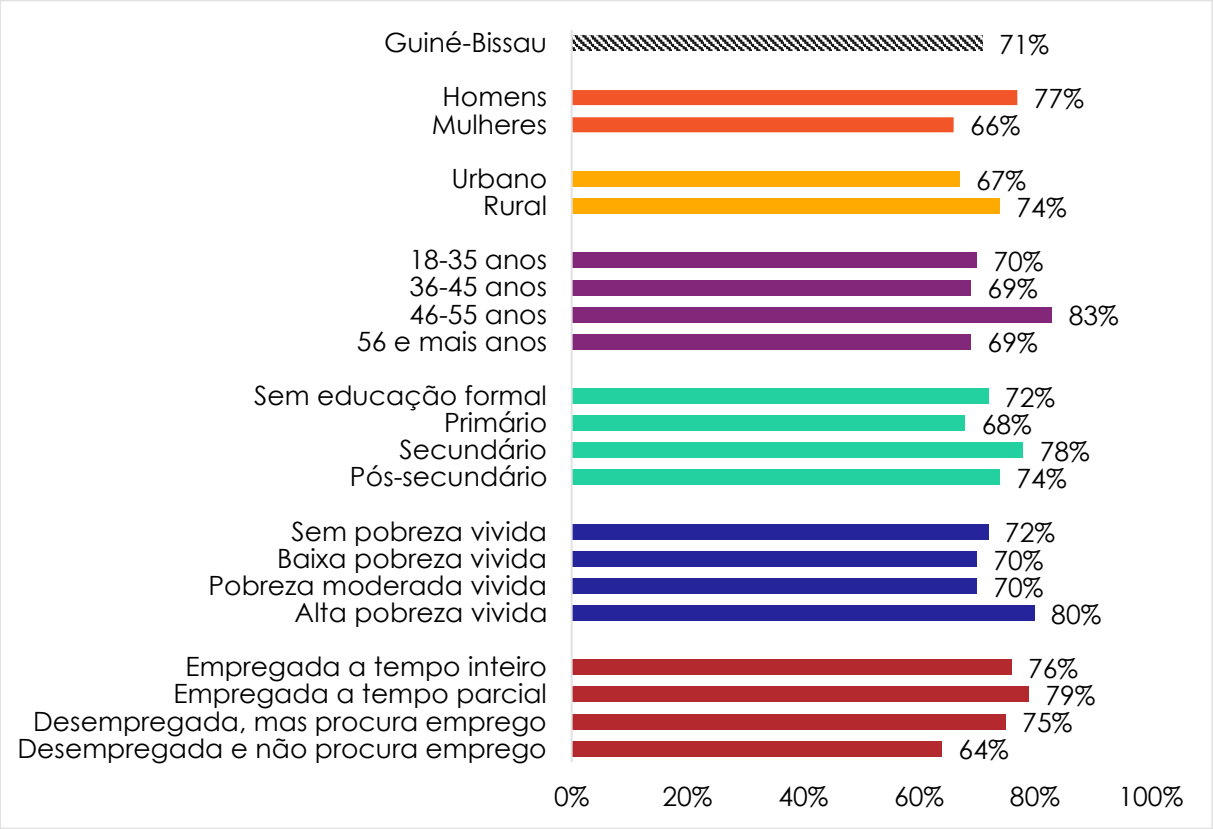
Além disso, apenas 27% dos Guineenses indicam que ouviram falar da ZCLCA, enquanto a esmagadora maioria (70%) desconhece a iniciativa (Figura 3). Este baixo nível de conhecimento pode refletir a falta de campanhas de informação pública sobre a ZCLCA, bem como a tendência para considerar as políticas regionais e continentais como distantes ou irrelevantes para o público em geral.

[1] O Índice de Pobreza Vivida (LPI) do Afrobarómetro mede os níveis de privação material dos inquiridos perguntando com que frequência eles ou as suas famílias ficaram sem bens essenciais (alimentos suficientes, água suficiente, cuidados médicos, combustível suficiente para cozinhar e rendimento em dinheiro) durante o ano anterior (Mattes e Lekalake, 2025).

Copyright ©Afrobarometer 2026

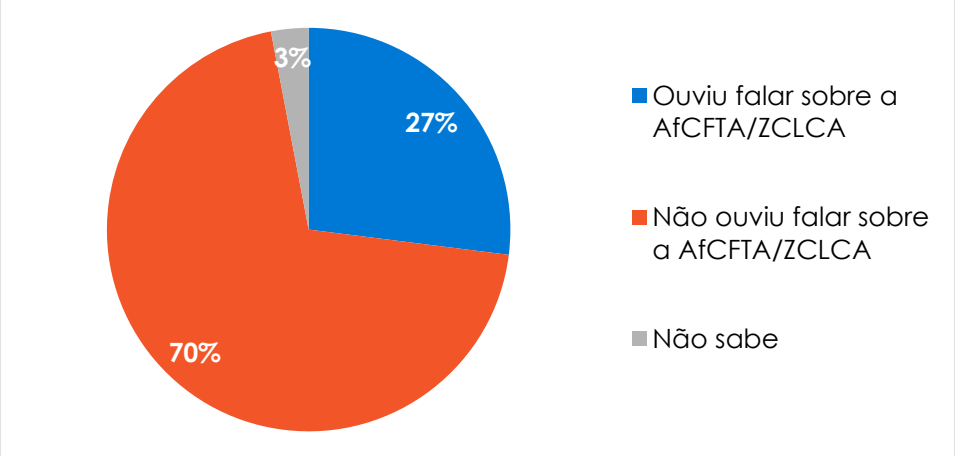
Embora os analistas sublinhem que a integração regional pode gerar benefícios económicos significativos, incluindo a criação de oportunidades de emprego e o reforço das economias locai, as opiniões dos Guineenses sobre a livre circulação realçam que as políticas públicas que equilibram o potencial económico da integração com preocupações sociais e de segurança serão cruciais para o sucesso das iniciativas de integração (Adepoju, 2010).

Figura 2: Dificuldades no movimento transfronteiriço | por grupo demográfico | Guiné-Bissau | 2025



Pergunta aos respondentes: *Na sua opinião, até que ponto é fácil para as pessoas da África Ocidental saírem dos seus países em busca de emprego ou para fazer comércio nos outros países, ou você não ouviu o suficiente para ter opinião?*

Figura 3: Ouvir falar da ZCLCA? | Guiné-Bissau | 2025



Pergunta aos respondentes: *Você ouviu falar da Zona de Comércio Livre Continental Africana, também conhecida como AfCFTA/ZCLCA?*

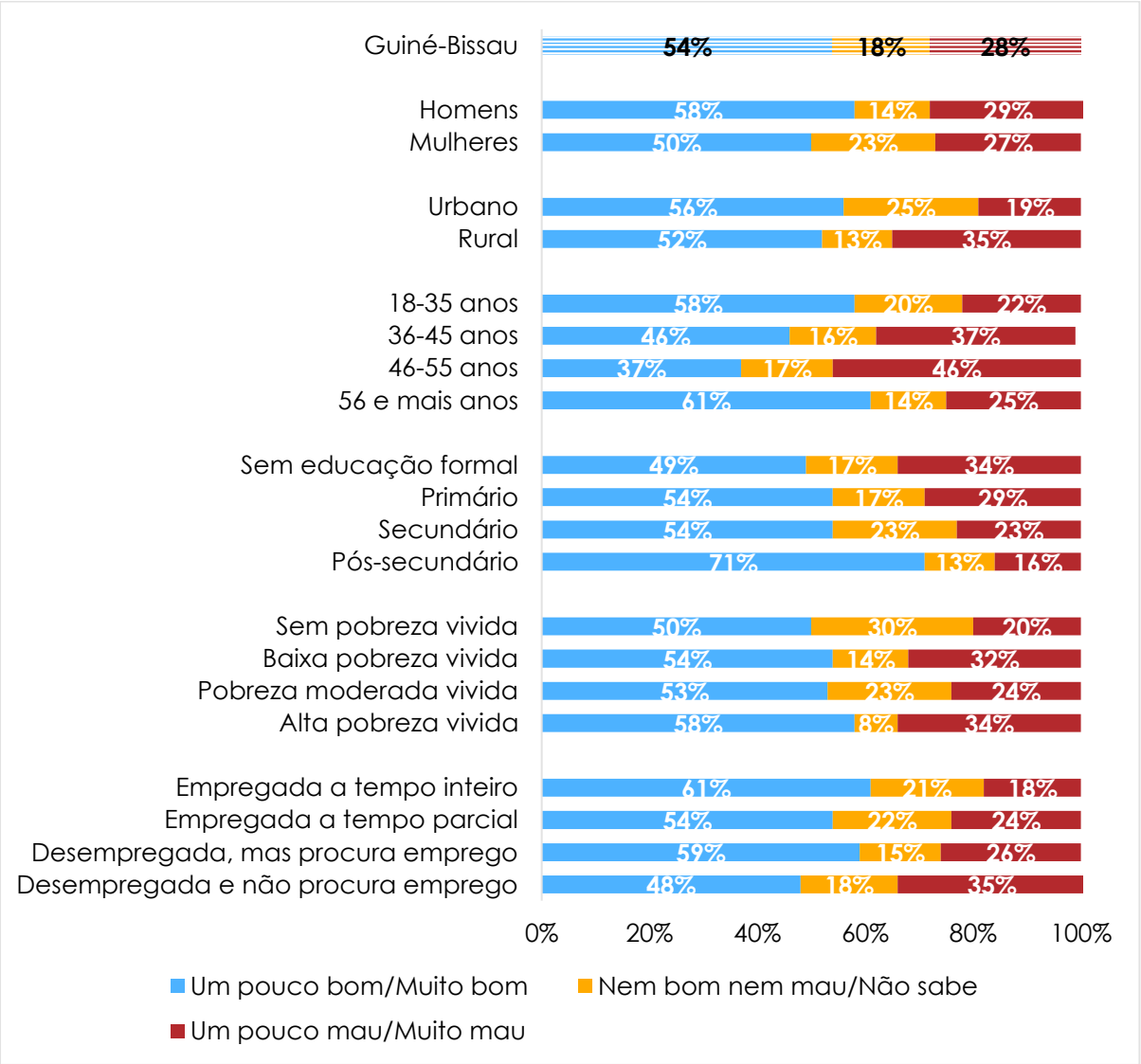
Copyright ©Afrobarometer 2026

Atitudes em relação aos imigrantes

Por uma margem de 2 para 1, os Guineenses acolhem de forma positiva o impacto dos imigrantes na economia do seu país: 54% descrevem-no como "razoavelmente bom" ou "muito bom", enquanto 28% consideram-no mau (Figura 4). Mais homens do que mulheres têm uma perceção positiva do impacto da imigração (58% vs. 50%). As avaliações favoráveis aumentam com o nível de escolaridade dos inquiridos, variando entre 49% entre os que não têm escolaridade formal e 71% entre os que têm qualificações universitárias.

A maioria dos cidadãos mais pobres considera a imigração economicamente benéfica (58%). Entre os trabalhadores a tempo inteiro, 61% partilham esta opinião, e entre os inquiridos mais velhos (56 anos ou mais), 61% consideram o impacto "um pouco bom" ou "muito bom."

Figura 4: Impacto económico da imigração | por grupo demográfico | Guiné-Bissau | 2025



Pergunta aos respondentes: *Você diria que, em geral, é mau ou bom para a economia da Guiné-Bissau que pessoas de outros países venham para cá viver e trabalhar durante vários anos?*

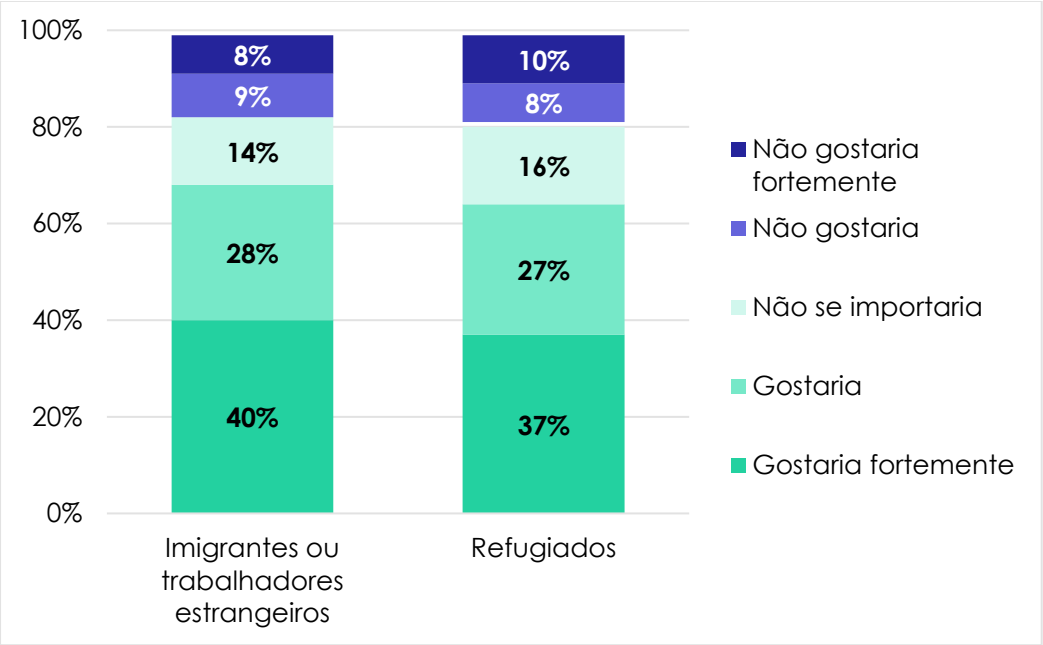
Copyright ©Afrobarometer 2026

Além de acolher o impacto económico dos imigrantes, a maioria dos Guineenses manifesta tolerância em relação aos imigrantes: Mais de oito em cada 10 (82%) dizem que gostariam "muito" (40%) ou "um pouco" (28%) ou "não se importariam" (14%) se tivessem imigrantes ou trabalhadores estrangeiros como vizinhos (Figura 5). Cerca de dois em cada 10 (17%) afirmam que não gostaria de viver ao lado de imigrantes.

No que respeita aos refugiados, 81% manifestam tolerância, enquanto 18% dizem que não gostariam de ter refugiados como vizinhos.

As atitudes mais positivas em relação aos imigrantes do que em relação aos refugiados podem refletir percepções diferentes das contribuições económicas prováveis dos trabalhadores estrangeiros em comparação com os refugiados, que podem ser vistos como mais dependentes da assistência.

Figura 5: Tolerância em relação aos trabalhadores estrangeiros e aos refugiados | Guiné-Bissau | 2025



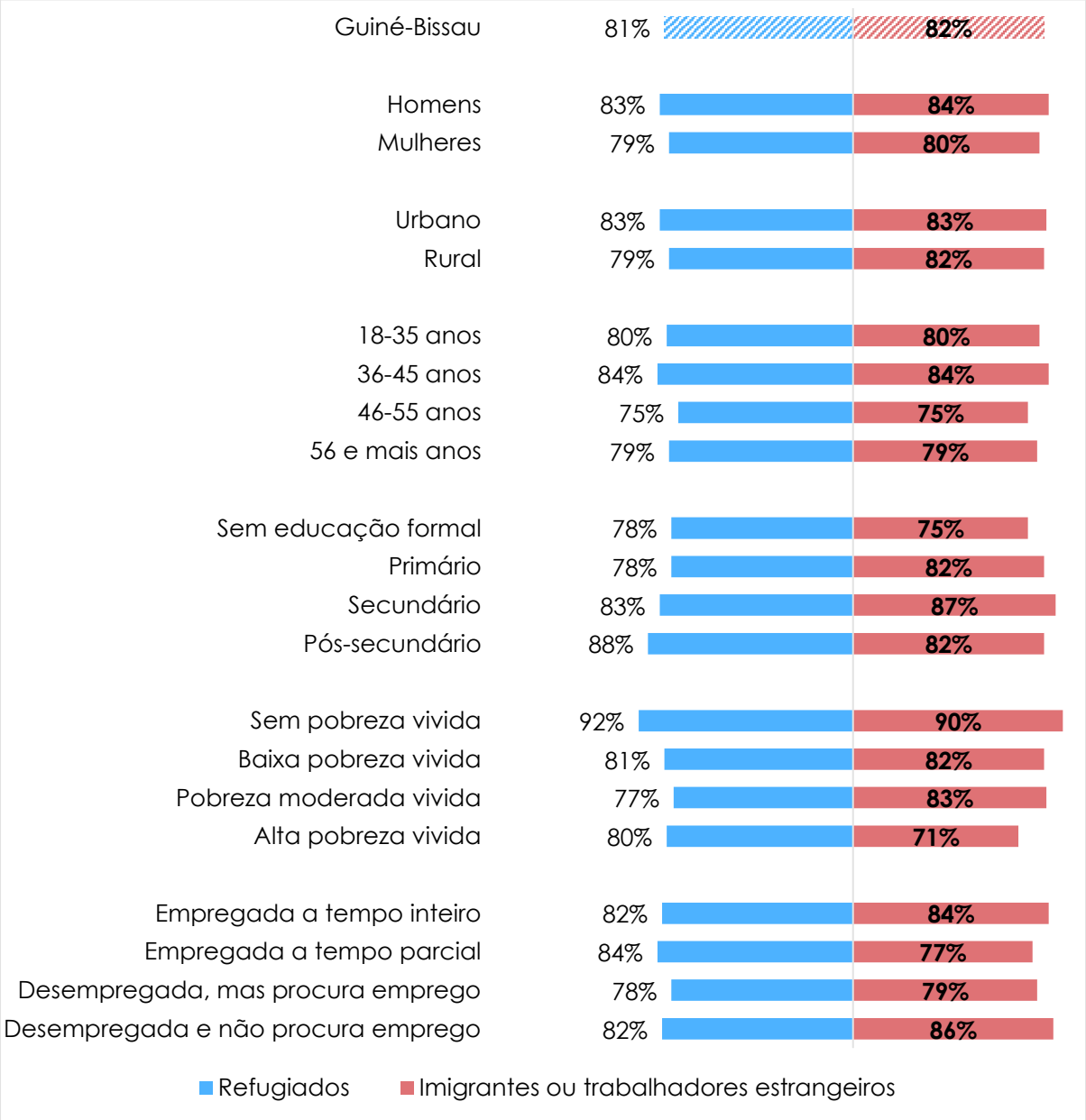
Perguntas aos respondentes: *Para cada um dos seguintes tipos de pessoas, por favor, diga-me se você gostaria de ter pessoas deste grupo como vizinhos, não gostaria deles, ou não se importaria: Imigrantes ou trabalhadores estrangeiros? Refugiados de outros países que fogem a violência ou perseguição política?*

Um pouco mais de homens do que de mulheres expressam atitudes tolerantes em relação aos trabalhadores estrangeiros e aos refugiados (Figura 6). A tolerância em relação a ambos os grupos aumenta significativamente com o nível de escolarização e o bem-estar material dos inquiridos.

Os cidadãos com empregos a tempo inteiro mostram maior tolerância em relação aos trabalhadores estrangeiros (84%) do que aqueles com empregos a tempo parcial (77%) ou os desempregados que estão à procura de trabalho (79%).

Copyright ©Afrobarometer 2026

Figura 6: Tolerância em relação aos trabalhadores estrangeiros e aos refugiados | por grupo demográfico | Guiné-Bissau | 2025



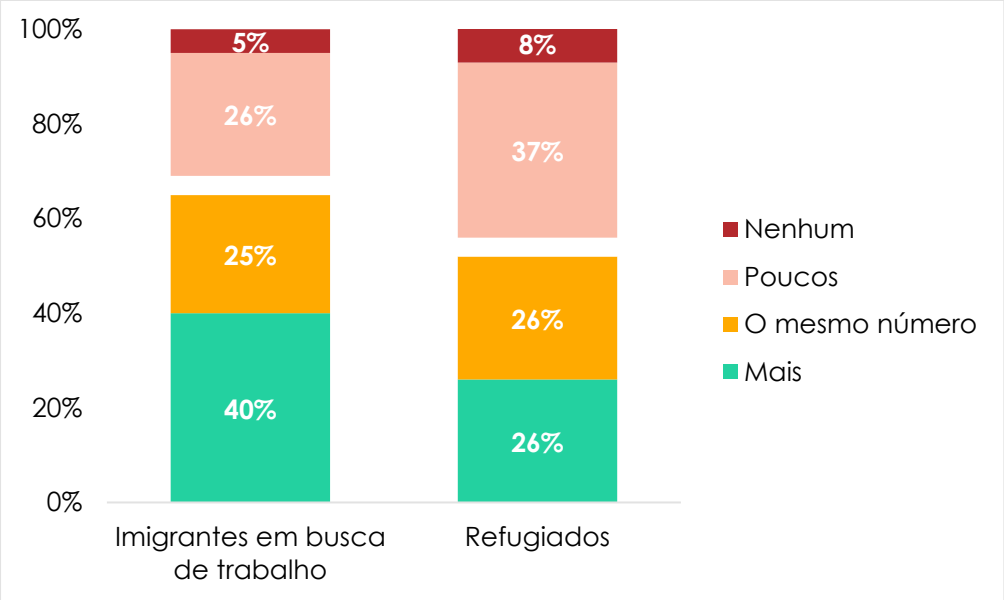
Perguntas aos respondentes: *Para cada um dos seguintes tipos de pessoas, por favor, diga-me se você gostaria de ter pessoas deste grupo como vizinhos, não gostaria deles, ou não se importaria: Imigrantes ou trabalhadores estrangeiros? Refugiados de outros países que fogem a violência ou perseguição política? (% que disse "gostaria fortemente," "gostaria," ou "não se importaria")*

Estas atitudes tolerantes refletem-se também nas opiniões dos Guineenses sobre a política de imigração (Figura 7). Quase dois terços (65%) dos cidadãos afirmam que o governo deveria aumentar o número de candidatos estrangeiros a empregos autorizados a entrar no país (40%) ou manter os níveis actuais de imigração (25%). Apenas cerca de três em cada 10 prefeririam, em vez disso, reduzir (26%) ou eliminar (5%) essa imigração. Uma minoria maior (45%) apoiaria a redução ou eliminação da entrada de refugiados, embora uma fraca maioria preferisse aumentar (26%) ou manter (26%) os seus números.

Copyright ©Afrobarometer 2026

Os níveis de aceitação um pouco mais elevados para os estrangeiros candidatos ao emprego do que para os refugiados podem estar relacionados com a perceção de que os trabalhadores estrangeiros contribuem mais diretamente para a economia, enquanto os refugiados podem ser vistos mais como um fardo económico ou social.

Figura 7: Quantos imigrantes ou refugiados devem ser admitidos no país? | Guiné-Bissau | 2025



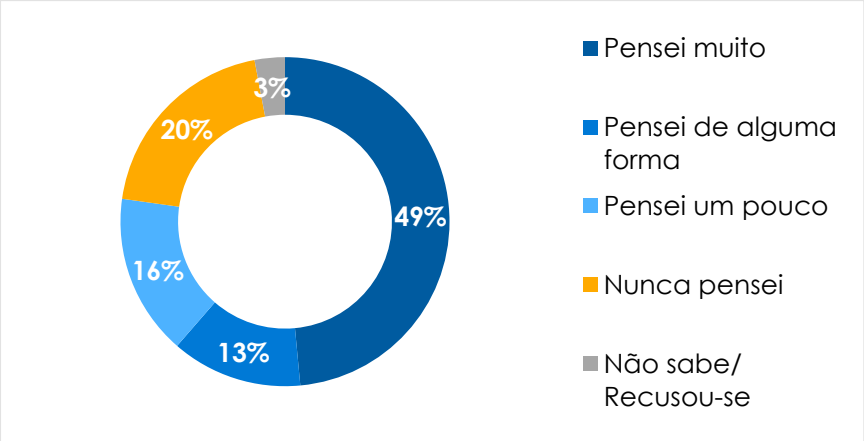
Perguntas aos respondentes:

Você acha que a Guiné-Bissau deveria permitir que mais ou menos pessoas de outros países que procuram emprego pudessem viver e trabalhar no nosso país?
Você acha que a Guiné-Bissau deve permitir que mais ou menos refugiados de outros países venham viver para o nosso país?

Olhar para o estrangeiro: Atitudes dos Guineenses face à emigração

Passando da imigração para a emigração, cerca de três quartos (77%) dos Guineenses afirmam ter considerado a possibilidade de deixar o país – 49% "muito," 13% "de alguma forma" e 16% "um pouco" (Figura 8).

Figura 8: Considerou a possibilidade de emigrar | Guiné-Bissau | 2025



Pergunta aos respondentes: *Em que medida, se é que você o fez, você pensou em emigrar para outro país para viver?*

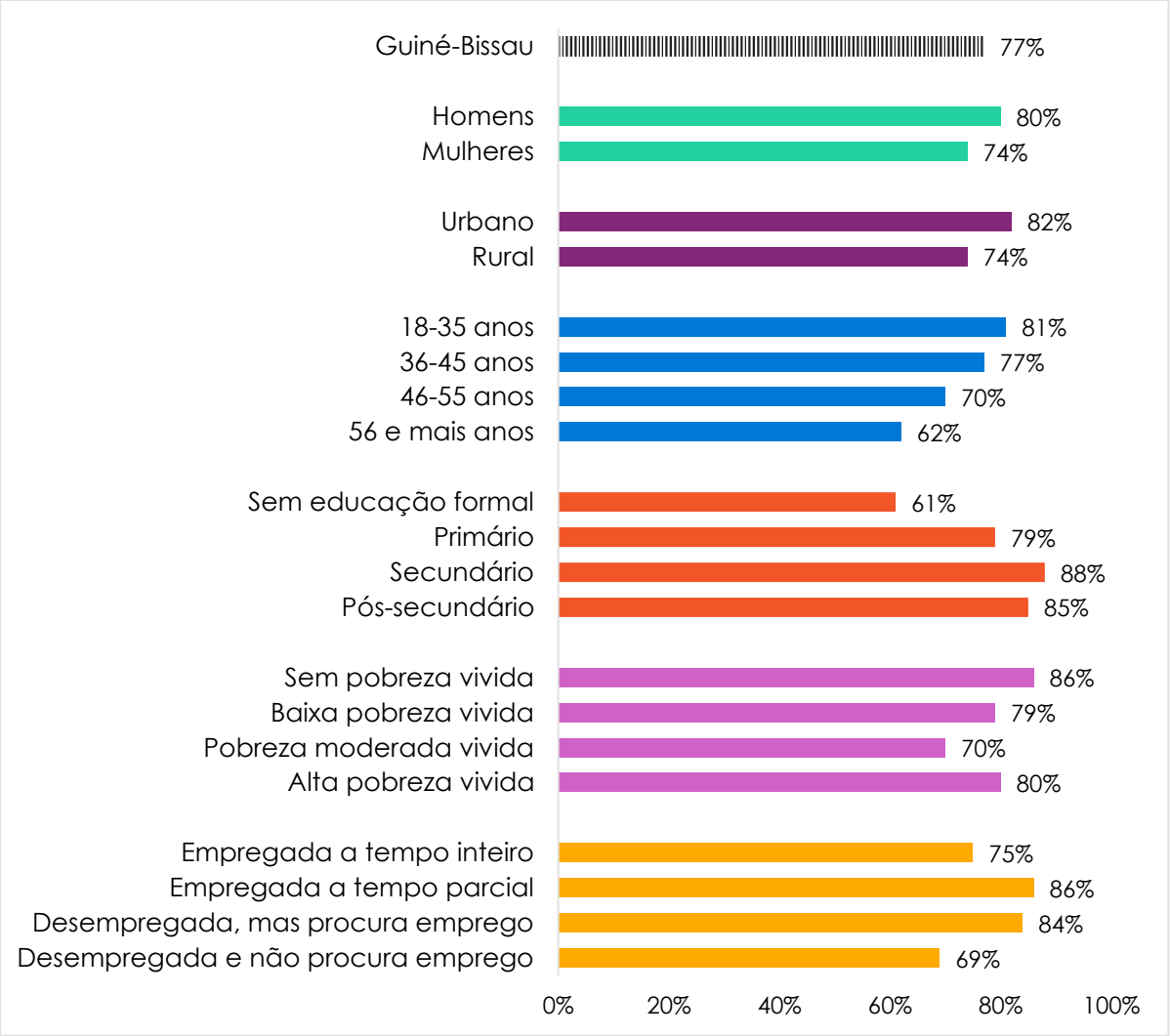
Copyright ©Afrobarometer 2026

Os homens (80%) e os residentes urbanos (82%) têm maior probabilidade de considerar sair do país do que as mulheres (74%) e os residentes rurais (74%) (Figura 9). O interesse em emigrar diminui com a idade, passando de 81% entre os jovens para 62% entre os inquiridos com mais de 55 anos.

A propensão a considerar a emigração aumenta com o nível de escolaridade: 61% dos Guineenses sem escolaridade formal disseram ter considerado sair do país, em comparação com 79%, 88% e 85% daqueles com ensino primário, secundário e universitário, respetivamente.

Os indivíduos economicamente mais favorecidos são os que têm maior probabilidade de dizer que já consideraram emigrar (86%, em comparação com 70%-80% daqueles que experienciam algum nível de pobreza vivida), possivelmente refletindo o facto de que emigrar requer frequentemente recursos financeiros iniciais. De forma consistente, os inquiridos desempregados e à procura de trabalho (84%) e os que têm empregos a tempo parcial (86%) são também os que mais referem ter considerado deixar o país.

Figura 9: Considerou a possibilidade de emigrar | por grupo demográfico | Guiné-Bissau | 2025



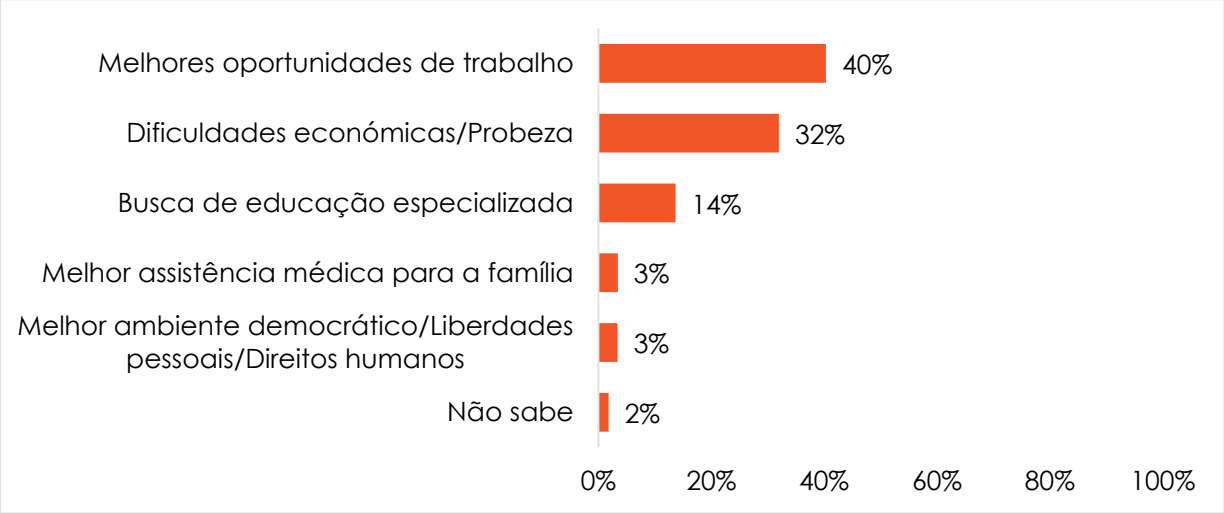
Pergunta aos respondentes: *Em que medida, se é que você o fez, você pensou em emigrar para outro país para viver? (% que disse "pensou um pouco," "pensou de alguma forma," ou "pensou muito")*

Copyright ©Afrobarometer 2026

Entre as pessoas que consideraram a possibilidade de emigrar, as razões mais frequentemente citadas são de longe as económicas: para procurar melhores oportunidades de trabalho (40%) ou para escapar a dificuldades económicas ou à pobreza (32%) (Figura 10).

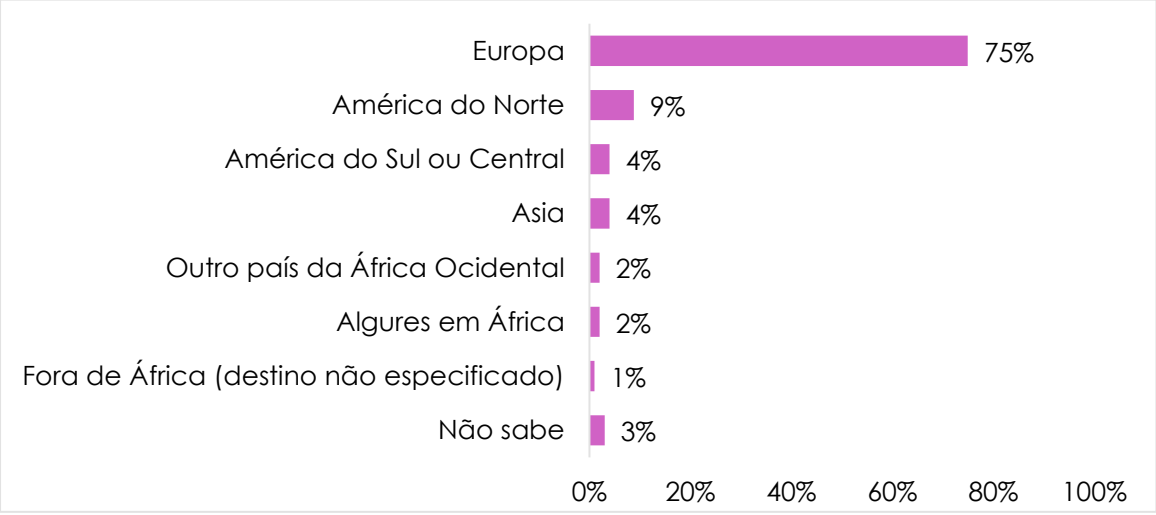
Para que destinos são que os Guineenses preferem emigrar? A Europa (75%) ocupa o primeiro lugar entre os Guineenses que consideraram sair do país, provavelmente reflectindo os laços históricos e culturais com Portugal, bem como a perceção das condições económicas, educacionais e sociais nos países europeus (Figura 11). A América do Norte (Estados Unidos e Canadá) vem em segundo lugar (9%).Apenas cerca de um em cada 25 (4%) afirma que optaria por permanecer no continente.

Figura 10: Razões para emigrar | Guiné-Bissau | 2025



Respondentes que disseram ter considerado a possibilidade de sair do país foram questionados: *Há várias razões que levam as pessoas a deixar o seu país para viver noutro país durante um longo período. E para você? Qual é a razão mais importante que levaria você a pensar em sair da Guiné-Bissau? (Os respondentes que disseram não ter considerado a possibilidade de sair do país estão excluídos.)*

Figura 11: Destino preferencial para emigrar | Guiné-Bissau | 2025



Respondentes que disseram ter considerado a possibilidade de sair do país foram questionados: *Se você tivesse de emigrar para outro país, para onde seria mais provável você ir? (Os respondentes que disseram não ter considerado a possibilidade de sair do país estão excluídos.)*

Copyright ©Afrobarometer 2026

Conclusão

Os resultados do inquérito indicam que a emigração é uma questão política relevante com muitos Guineenses a considerar sair do país, sobretudo jovens e pessoas com maior nível de escolaridade. As principais motivações são de natureza económica, ligadas à procura de melhores oportunidades de trabalho e à superação de dificuldades financeiras. A Europa destaca-se como o destino preferido.

Ao mesmo tempo, o inquérito evidencia que apenas uma pequena proporção dos inquiridos afirma ter ouvido falar da Zona de Comércio Livre Continental Africana (ZCLCA). As atitudes em relação aos imigrantes são geralmente acolhedoras e a maioria considera o seu impacto económico benéfico. No entanto, persistem algumas reservas, com uma parte da população a defender que o governo deveria reduzir ou mesmo eliminar a entrada de trabalhadores estrangeiros, bem como a de refugiados.

No conjunto, os resultados apontam para a importância de políticas que ampliem as oportunidades económicas e promovam a criação de emprego, contribuindo para a retenção de talentos, especialmente entre os jovens e as pessoas com alto nível de escolaridade. Ao mesmo tempo, o reforço da mobilidade regional poderá ajudar a reduzir as pressões migratórias e a promover o desenvolvimento sustentável.

Faça sua propria análise dos dados da Afrobarometer – sobre qualquerquestão, para qualquerpaís e rodada de inquérito. É fácil e gratuítoem www.afrobarometer.org/online-data-analysis.

Copyright ©Afrobarometer 2026

Referências

Adepoju, A. (2010). International migration within, to and from Africa in a globalised world. Sub-Saharan Publishers.

Banco Mundial. (2023). World development report 2023: Migrants, refugees, and societies.

Banco Mundial. (2025). New economic update examines fiscal challenges in Guinea-Bissau.

Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental. (2025). ECOWAS deepens engagement to advance implementation of free movement protocol. 9 de Maio.

Hoffmann, R., & Zens, G. (2024). Interrelated drivers of migration intentions in Africa: Evidence from Afrobarometer surveys.*Environmental Development, 52*.

Mattes, R., & Lekalake, R. (2025). Decade of destitution? Severe lived poverty is surging in many African countries. Afrobarometer Edição No. 943.

Migrants & Refugees Section. (2022). Migration profile: Guinea-Bissau. Vatican Dicastery for Promoting Integral Human Development.

Organização Internacional para as Migrações. (2022). World migration report 2022.

Copyright ©Afrobarometer 2026

Sueli Lopes Santy é consultora estatística e investigadora no Instituto Guineense de Pesquisa Aplicada para o Desenvolvimento (IGPAD). E-mail: santysueli@gmai.com.

Maame Akua Amoah Twum é gestor de comunicações do Afrobarometer. E-mail: maameakua@afrobarometer.org**.**

Afrobarometer, uma empresa sem fins lucrativos com sede no Gana, é uma rede de pesquisa pan-africana e apartidária. A coordenação regional dos Parceiros Nacionais em cerca de 40 países é assegurada pelo Ghana Center for Democratic Development (CDD-Ghana), pelo Institute for Justice and Reconciliation (IJR) da África do Sule, pelo Institute for Development Studies (IDS) da University of Nairobi no Kenya, e pelo Innovante Recherche en Economie et Gouvernance (IREG) no Benim. A Michigan State University, a University of Cape Town, e a University of Malawi prestam apoio técnico à rede.

O apoio financeiro ao Afrobarometer é fornecido pela Suécia através da Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional, pela Agência Norueguesa de Cooperação para o Desenvolvimento através do Projeto Think Africa do Banco Mundial, a Fundação Mo Ibrahim, a Open Society Foundations - Africa, a Luminate, a Fundação Ford, a Fundação William e Flora Hewlett, a Fundação Mastercard, a Fundação David e Lucile Packard, a Fundação Obama, a Fundação Rockfeller, a Comissão da União Europeia, o Grupo do Banco Mundial, o Population Institute, o Centre for International Governance Innovation, o International Development Research Centre, a Embaixada Real da Dinamarca em Uganda/Danida, a Embaixada do Reino dos Países Baixos no Uganda, e o Ministério Federal Alemão de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (BMZ) apoiado pela Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH.

Os donativos ajudam o Afrobarometer a dar voz aos cidadãos africanos. Por favor, considere fazer um donativo para o Afrobarometer. Para fazer um donativo online, por favor siga esta ligação ou esta ligação. Para discutir o fundo institucional contacte o Felix Biga (felixbiga@afrobarometer.org) ou a Runyararo Munetsi (runyararo@afrobarometer.org).

Para mais informações, por favor, visite www.afrobarometer.org.

Siga as nossas publicações em #VoicesAfrica.

Afrobarometer Edição No. 1164 | 9 de Abril de 2026

Copyright ©Afrobarometer 2026